

Possibilidade para uma educação física antirracista por meio do futebol

Ytalo Silva Lemos¹

Eduardo Vinícius Mota e Silva²

Arliene Stephanie Menezes Pereira Pinto³

Luciano Nascimento Corsino⁴

Resumo:

Esta pesquisa narra o desenvolvimento de uma intervenção pedagógica para promover uma educação física antirracista por meio do futebol. Tem como objetivos: analisar a implementação de uma proposta de intervenção pedagógica na educação física escolar, problematizando as manifestações racistas no futebol; conhecer as percepções dos estudantes sobre racismo e futebol e combater o racismo nas aulas de educação física mediante conscientização dos alunos acerca de suas manifestações. A metodologia da pesquisa foi qualitativa e participante. A intervenção aconteceu em uma turma de 8º ano de uma escola pública municipal de Fortaleza-CE e se baseou em uma Perspectiva Progressista. Como resultado da pesquisa, percebeu-se que a problematização do racismo por meio do futebol serviu para atrair a atenção e propiciar uma maior aceitação dos estudantes em discutir uma temática tão sensível. Durante a intervenção, foi registrada uma diminuição no emprego de termos racistas e que, quando estes aconteceram, foram prontamente rechaçados pela turma, demonstrando conscientização.

Palavras-chave:

Futebol. Racismo. Educação física escolar. Perspectiva progressista. Intervenção pedagógica.

Possibility of an anti-racist physical education through the football

Abstract: This research narrates the development of a pedagogical intervention to promote anti-racist physical education through football. Its objectives are: to analyze the implementation of a proposed pedagogical intervention in school physical education, problematizing racist manifestations in football; understand students' perceptions about racism and football and combat racism in physical education classes by raising students' awareness of its manifestations. The research methodology was qualitative and participatory. The intervention took place in an 8th grade class at a municipal public school in Fortaleza-CE and was based on a Progressive Perspective. As a result of the research, it was noticed

¹ Mestre em Educação Física. Professor na Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza. E-mail: ytalo.somel@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5424-9078>

² Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, docente da Universidade Federal do Ceará. E-mail: efuado.silva@ufc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8214-1135>.

³ Doutora em Educação. Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. E-mail: stephanie.menezes@ifce.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5424-9078>

⁴ Doutor em Educação. Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. E-mail: lucianocorsino@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2591-5472>

that the problematization of racism through football served to attract attention and provide greater acceptance among students in discussing such a sensitive topic. During the intervention, a decrease in the use of racist terms was recorded and, when these occurred, they were promptly rejected by the group, thus demonstrating awareness.

Keywords: Football. Racism. School physical education. Progressive perspective. Pedagogical intervention.

Posibilidade de educação física antirracista a través del fútbol

Resumen: Esta investigación narra el desarrollo de una intervención pedagógica para promover la educación física antirracista a través del fútbol. Sus objetivos son: analizar la implementación de una propuesta de intervención pedagógica en educación física escolar, problematizando las manifestaciones racistas en el fútbol; comprender las percepciones de los estudiantes sobre el racismo y el fútbol y combatir el racismo en las clases de educación física sensibilizando a los estudiantes sobre sus manifestaciones. La metodología de investigación fue cualitativa y participativa. La intervención tuvo lugar en una clase de 8º grado de una escuela pública municipal de Fortaleza-CE y se basó en una Perspectiva Progresista. Como resultado de la investigación, se constató que la problematización del racismo a través del fútbol sirvió para llamar la atención y brindar mayor aceptación entre los estudiantes al discutir un tema tan sensible. Durante la intervención se registró una disminución en el uso de términos racistas y, cuando estos ocurrieron, fueron rápidamente rechazados por el grupo, demostrando conciencia.

Palabras clave: Fútbol. Racismo. Educación física escolar. Perspectiva progresista. Intervención pedagógica.

1 Introdução

O futebol faz parte do cotidiano de muitas pessoas no Brasil, seja como praticante, atleta, espectador ou jornalista esportivo. Esta modalidade ocupa o horário nobre das diferentes mídias (televisão, rádio, internet) e é considerada o mais significativo fenômeno da cultura brasileira (MURAD, 2007).

Na condição de grandes apaixonados pelo futebol, desde muito cedo, floresceu em nós a curiosidade por tais programas. Mais do que saber qual time havia vencido a partida ou quem havia feito os gols, nos interessavam questões como: “por que tal torcida leva bandeiras de outros países para os estádios?”, “por que tal jogador foi punido por apresentar uma mensagem na camisa?”, “por que um determinado jogador sofre mais vaias e xingamentos que outros?”. Tais questionamentos nos fizeram enxergar além do esporte-espetáculo e instigaram uma visão crítica sobre os acontecimentos, problemáticas que costumava comentar com amigos nas rodas de conversa. O esporte bretão sempre permeou nossos caminhos e é parte essencial na formação cultural e política, assim como de parte do povo brasileiro.

Sendo o esporte mais popular no Brasil, o futebol desperta diversos sentimentos em quem o acompanha, como amor, raiva, paixão, tensão, entre outros. Além disso, por ser um esporte global, tem uma riqueza cultural imensa e torna possível, por meio dele, o acesso a costumes e tradições de diversos países e povos, que se expressam através do esporte, sendo palco, dentro e fora de campo, de inúmeras manifestações de jogadores, da equipe técnica, de gestores e de torcedores.

Exemplo disso são os casos relacionados ao jogador brasileiro Vinícius Júnior, que, desde que chegou ao futebol espanhol, vem, jogo a jogo, sofrendo inúmeras demonstrações de racismo, potencializadas pela impunidade assumida por La Liga, a liga de clubes que gere a elite do futebol espanhol, ou mesmo por parte do Ministério Público espanhol (WISNIEWSKI, 2023).

Neste texto, tratamos do racismo antinegro, que ocorre ao “tratar a pessoa de pele escura de forma diferente, inferiorizando-a em razão da sua cor, raça, etnia, religião ou procedência nacional. É uma definição sociopolítica, fundada na herança colonial da sociedade brasileira e sustentada pelas estruturas de poder e dominação.” (AZEVEDO, 2023, n. p.).

[...] pensar o racismo como parte da estrutura não retira a responsabilidade individual sobre a prática de condutas racistas e não é um alibi para racistas. Pelo contrário: entender que o racismo é estrutural, e não um ato isolado de um indivíduo ou de um grupo, nos torna ainda mais responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas. (ALMEIDA, 2019, p. 34).

“O racismo é a pior forma de discriminação porque o discriminado não pode mudar as características raciais que a natureza lhe deu.” (SANT’ANA, 2005, p. 41). No Brasil, a ideologia racial, juntamente com a negação do racismo, é mantida pelo discurso da democracia racial. Em um contexto em que não há racismo, não há motivos para que as pessoas negras obtenham sucesso a não ser sua própria insuficiência. “No contexto brasileiro, o discurso da meritocracia é altamente racista, uma vez que promove a conformação ideológica dos indivíduos à desigualdade racial”. (ALMEIDA, 2019, p. 45).

Há muitos anos, jogadores e torcedores pretos e/ou latinos são hostilizados com ofensas racistas nos estádios pelo mundo, até mesmo com bananas sendo atiradas em campo, fazendo clara alusão ao animal macaco. Essas ofensas são “[...] reflexos diretos do ódio cultivado entre grupos com identificações construídas entre si.” (CERVI, 2014, p. 1).

Apesar do que muitos podem pensar, os casos de racismo não são uma exclusividade dos jogos europeus, que, em sua grande maioria, têm pessoas brancas como jogadores; tais crimes também ocorrem na América Latina, principalmente contra brasileiros. Segundo Nunes (2023), 85% dos casos registrados em competições organizadas pela Confederação Sul-Americana de Futebol - Conmebol foram contra brasileiros.

Como educadores, foi preciso uma preparação para o desafio, pois, segundo Munanga (2005), uma tarefa preliminar na luta antirracista é a transformação de nossas cabeças como professores. Tal transformação, segundo ele, nos tornará capazes de contribuir para a formação da democracia brasileira. “A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas.” (ALMEIDA, 2019, p. 34).

Assim, como Munanga, Paulo Freire também atribui ao professor a responsabilidade pela formação crítica dos educandos diante de questões sociais. “O educador democrático não pode negar-se ao dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão.” (FREIRE, 1996, p. 12).

[...] a luta antirracista reivindica, para além do reconhecimento de privilégio por parte de pessoas brancas, a soma dos esforços para criar fissuras na estrutura que alicerça o racismo, isto se dá quando nos posicionamos diante de situações e principalmente quando tomamos consciência das opressões que o circundam e o fortalecem (LOPES, 2024, p. 24).

A publicação da Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) foi um importante marco para a educação brasileira e para o enfrentamento do racismo, pois alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/96, determinando que as africanidades fossem ensinadas nas escolas como parte do currículo e perpassassem todos os componentes curriculares, fazendo parte do cotidiano escolar nas diversas atividades produzidas pelo corpo docente. Silva (2016) enfatiza que a existência dessa lei trouxe esperança às pessoas, sendo ainda mais relevante àqueles descendentes dos africanos que foram escravizados no Brasil, oferecendo acesso a informações, como suas origens, história e características, além da possibilidade de reconhecer seu valor para o país.

Foi a partir da promulgação da Lei nº 11.645/2008 que houve grande avanço no debate antirracista na escola, trazendo consigo uma mudança na formação de docentes e na produção de material didático dos estados e municípios. Ela destaca ainda que o debate se faz importante, pois representa um tensionamento nas discussões (ABE, 2020).

Apesar disto, Pereira *et al.* (2019), no estudo sobre o impacto destas leis, notam que 69,1% dos professores de educação física lotados na prefeitura de Fortaleza não tinham conhecimento sobre elas.

Além de uma legislação que contemple as questões étnico-raciais, é preciso produzir uma educação que seja de fato antirracista. E no que tange ao futebol, a educação física como componente curricular pode dar uma enorme contribuição, visto que o esporte é um dos seus objetos de ensino (SANTANA, 2023, n.p.).

Como dizem Cantuário e Alves (2021), a escola é um espaço que serve ao propósito de convivência e socialização, e é esse cenário que oferece suporte para o desenvolvimento de uma pedagogia de combate ao racismo, em que todos trabalham com o objetivo de justiça e igualdade.

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia (FREIRE, 1996, p. 17).

Para Figueredo e Cruz (2021), cabe à educação física questionar as relações de poder presentes nas práticas corporais, além colaborar para o combate às desigualdades sociais, raciais e culturais dentro do processo educativo.

[...] a educação física antirracista é uma reivindicação para a reparação histórica, que se atenta ao princípio de empoderamento, incorporando os saberes necessários, produzidos pelo(s) movimento(s) negro(s) para reafirmar o direito à diferença na cultura corporal, na realidade escolar como processo de enfrentamento no combate ao racismo, às desigualdades e às discriminações (NOBREGA, 2020, p. 58).

2 Metodologia

A metodologia escolhida foi a abordagem qualitativa, pois buscava-se conhecer as percepções dos/das estudantes acerca dos acontecimentos relacionados ao racismo e futebol. Segundo Triviños (1987), a pesquisa qualitativa possibilita ao professor-pesquisador modificar aspectos da pesquisa durante seu processo, fornecendo, assim, maior flexibilidade. Dentro da abordagem qualitativa, com relação aos procedimentos, foi selecionada a pesquisa participante, pois ela se caracteriza pela interação entre os atores abordados na pesquisa e o próprio pesquisador. Além disso, ela tem um caráter emancipatório (NOVAES; GIL, 2009).

Em muitos contextos, o(a) investigador(a) que conduz a pesquisa faz o papel de professor(a)-pesquisador(a), tornando-se responsável tanto pelas intervenções pedagógicas propostas como pela produção das informações, desenvolvendo uma produção científica da realidade investigada e concomitantemente uma intervenção crítica e promotora de transformações no ambiente escolar (VELLOSO *et al.*, 2022, p. 5).

O presente trabalho assume uma perspectiva progressista para o ensino da educação física na escola, sistematizada pelo Método Dialético na Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 2008; GASPARIN, 2009), que traz em seu cerne a metodologia problematizadora para promover uma reflexão-ação crítica para com a sociedade. A supracitada metodologia de intervenção é detalhada em cinco partes, sendo elas: prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final. Os instrumentos utilizados para a obtenção das informações necessárias para o alcance dos objetivos da pesquisa foram o questionário e o diário de bordo.

A utilização do questionário na pesquisa tem as vantagens de se obter respostas mais precisas, liberdade nas respostas e menor risco de distorção (MARCONI; LAKATOS, 2003). Por meio da aplicação deste instrumento, foi possível ter acesso ao conhecimento prévio dos/das estudantes sobre o racismo e como ele ocorre na sociedade.

Quanto ao diário de bordo, ele serviu para registrar as discussões e os comentários dos alunos e das alunas que surgiram durante o processo da intervenção e que não foram captados pelo questionário.

Os quadros abaixo foram adaptados de Ramos (2020) para o contexto específico desta pesquisa, utilizando a perspectiva progressista como base para organização e estruturação da intervenção pedagógica.

Quadro 1 - Unidade Didática – Educação Física – 2º bimestre/5 semanas

Título da Unidade: A questão do Racismo no Futebol
Objetivo Geral: Possibilitar aos educandos o desenvolvimento da criticidade mediante discussões de casos de racismo que acontecem no ambiente do futebol e assim combater o preconceito racial.
Tópico 1: Preconceito Racial no Futebol
Objetivos Específicos: Conhecer opiniões diversas sobre o tema em questão; refletir sobre

as situações apresentadas na aula; debater com os colegas respeitando opiniões contrárias às suas.			
Dimensão do Conteúdo: Social, Político, Cultural			
Passos	Material de Apoio	Ação Pedagógica	Análise e Discussão sobre o conteúdo
Prática Social Inicial	Espaço para a realização das discussões	O que os alunos e as alunas já conhecem sobre o tema? Quais são as opiniões deles?	Aplicação de questionário e registro das reflexões em Diário de Bordo
Problematização	Sala de Inovação	Quais problemas conseguem identificar? Detalhar as possíveis causas.	Registro das reflexões em Diário de Bordo
Instrumentalização	Projetor, caixa de som e sala de inovação	Apresentar a vídeo-reportagem Torcedora registra atos racistas contra Vinicius Jr. em Valência e revela choro à ESPN: 'Me senti ameaçada e com medo' (HOFMAN, 2024); O Racismo Estrutural na Cultura do Futebol Márcio Chagas TEDxUnisinos. (TEDX TALKS, 2019); Vini Jr. chora na coletiva ao falar sobre racismo: 'cada vez tenho menos vontade de jogar' (UOL ESPORTE, 2024).	Refletir sobre os casos de racismo apresentados em texto e vídeo; questionar a mensagem que é passada através deste tipo de atitude.
Catarse	Sala de inovação	Avaliação sobre a intervenção através de textos registrados no blog ou outros	A catarse poderá demonstrar, através dos registros produzidos pelos

		meios aos quais o aluno e a aluna prefira se expressar.	alunos, que o ambiente do futebol e do esporte é para todos, que as pessoas não precisam ir a campo ou às arquibancadas, correndo o risco de serem vítimas de racismo, que todos podemos ser protagonistas na luta contra o racismo e por uma sociedade mais justa e respeitosa.
Prática Social Final	Sala de Inovação	Selecionar ações práticas, como a criação de regras ou indicações de comportamento na escola.	Para a prática social final, será proposto que os alunos criem ou adaptem regras do esporte ou de comportamento para solidificar o combate ao racismo no ambiente escolar.

Fonte: Adaptado de Ramos (2020).

Quadro 2 - As ações pedagógicas desenvolvidas na Prática Social Inicial 1ª Semana

<p>Título da Unidade: Racismo no Futebol</p> <p>Objetivo Geral: Possibilitar aos educandos o desenvolvimento da criticidade por intermédio das discussões de casos de racismo que acontecem no ambiente do futebol e assim combater o preconceito racial.</p> <p>Tópico 1: Preconceito Racial no Futebol</p> <p>Objetivo Específico: Conhecer opiniões diversas sobre o tema em questão; Refletir sobre as situações apresentadas na aula; Debater com os colegas respeitando opiniões contrárias às suas.</p> <p>Proposta: A aula se iniciou com a apresentação do tema da Unidade Didática e os objetivos a serem trabalhados. Logo em seguida, foi esclarecido que, no primeiro momento, seria realizado um diálogo com algumas questões referentes ao que eles consideravam e compreendiam acerca do tema, para que fosse possível registrar o estado de compreensão dos alunos sobre o conteúdo.</p>
--

Discussão sobre o conteúdo: Quem joga futebol? Quem assiste futebol? Todos podem jogar futebol? Existe alguma situação de preconceito em relação às pessoas pretas jogarem futebol? Por que alguns jogadores sofrem preconceito durante um jogo de futebol? O que leva alguém a excluir ou desrespeitar alguém durante o jogo de futebol?

Fonte: Adaptado de Ramos (2020).

Na segunda semana, respectivamente aulas 3 e 4, foi retomado o que havia sido discutido na aula anterior através de um *quiz* sobre o que eles aprenderam sobre o racismo. Após este momento, foi transmitido um vídeo documentário sobre o tema racismo no futebol. Foi pedido para que os alunos registrassem o que mais chamasse sua atenção sobre o documentário.

Quadro 3 - As ações pedagógicas desenvolvidas na Problematização 2ª Semana

Título da Unidade: Racismo no Futebol

Objetivo Geral: Possibilitar aos educandos o desenvolvimento de atitudes e valores por meio da interação social, contribuindo para o esclarecimento quanto às condições socioeconômicas e culturais nas quais estão inseridos.

Tópico 1: Preconceito Racial no Futebol

Objetivo Específico: Permitir uma mobilização do pensamento quanto às questões que envolvem o fenômeno estudado.

Proposta: Visando uma mobilização de pensamento quanto às questões levantadas na prática social inicial, foram idealizadas duas ações práticas para os alunos e alunas: eles foram dispostos em 5 grupos, os quais jogaram futebol em um espaço reduzido com as regras padrão. Em um segundo momento, eles jogaram implementando adaptações, visando o respeito e a lealdade entre eles.

Discussão sobre o conteúdo: Foi proposto que os alunos analisem situações ocorridas no jogo, levando em consideração as questões levantadas na prática social inicial.

Fonte: Adaptado de Ramos (2020).

Na terceira semana, foram lidos para a turma alguns relatos produzidos por eles mesmos, preservando o anonimato, para lembrá-los o que trabalhamos na aula passada. Então, foram transmitidos, em forma de vídeo, depoimentos de pessoas ligadas ao futebol, relatando episódios de racismo e como esses casos repercutiram em sua vida e na das pessoas ao seu redor. Novamente, foi pedido para que eles registrassem o que mais lhes chamou atenção.

Quadro 4 - As ações pedagógicas desenvolvidas na Instrumentalização 3ª Semana

Título da Unidade: Racismo no Futebol

Objetivo Geral: Possibilitar aos educandos o desenvolvimento de atitudes e valores por meio da interação social, contribuindo para o esclarecimento quanto às condições socioeconômicas e culturais nas quais estão inseridos.

Tópico 1: Preconceito Racial no Futebol

Objetivo Específico: Refletir sobre as dificuldades históricas que propiciam até hoje algum tipo de preconceito no esporte.

Proposta: Foram apresentados aos alunos e às alunas os vídeos **Torcedora registra atos racistas contra Vinicius Jr. em Valência e revela choro à ESPN: 'Me senti ameaçada e com medo'** (HOFMAN, 2024); **Negros em Foco | Racismo no futebol | 01/11/2022** (TV CULTURA, 2022). A proposta foi que, por meio dos vídeos apresentados, eles pudessem refletir sobre o tema contido na instrumentalização, exposto na prática social inicial e explicitado na problematização.

Discussão sobre o conteúdo: Após a aula expositiva, foi proposta uma discussão reflexiva sobre os conteúdos apresentados.

Fonte: Adaptado de Ramos (2020).

Na quarta semana, foi feita a catarse através de uma avaliação sobre o que o aluno ou a aluna conseguiu absorver até aquele momento da intervenção.

Quadro 5 - As ações pedagógicas desenvolvidas na Catarse 4ª Semana

Título da Unidade: Racismo no Futebol

Objetivo Geral: Possibilitar aos educandos o desenvolvimento de atitudes e valores por meio da interação social, contribuindo para o esclarecimento das condições socioeconômicas e culturais nas quais os educandos estão inseridos.

Tópico 1: Preconceito Racial no Futebol

Objetivo Específico: Avaliar o quanto o aluno ou a aluna se aproximou da solução dos problemas anteriormente levantados sobre o tema em questão.

Proposta: Foi proposta, nesta aula, uma avaliação informal mediante uma escrita de própria autoria, descrevendo os conceitos incorporados sobre o conteúdo ministrado.

Discussão sobre o conteúdo: Através da catarse, foi possível identificar nos registros dos estudantes questões como: a importância da prática do esporte como um direito de todos; a importância de reconhecer a participação, a cooperação e o respeito em qualquer modalidade esportiva; e a capacidade de atitudes dos participantes em transformar a realidade, superando o preconceito racial no meio esportivo.

Fonte: Adaptado de Ramos (2020).

Na 5ª semana, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os alunos e as alunas, abrindo espaço para falarem sobre o que aprenderam ou depoimentos que quiserem fazer.

Como fechamento, foi reproduzido um vídeo e os alunos e as alunas foram incentivados a produzir algo de forma que traduza o que sentem ou aprenderam através da intervenção.

Quadro 6 - As ações pedagógicas desenvolvidas na Prática Social Final 5ª Semana

<p>Título da Unidade: Racismo no Futebol</p> <p>Objetivo Geral: Possibilitar aos educandos o desenvolvimento de atitudes e valores mediante interação social, contribuindo para o esclarecimento das condições socioeconômicas e culturais nas quais os educandos estão inseridos.</p> <p>Tópico 1: Preconceito Racial no Futebol</p> <p>Objetivo Específico: Possibilitar aos alunos e alunas desenvolver ações individuais e coletivas voltadas ao compromisso social, mediante o novo conhecimento.</p> <p>Proposta: Para a prática social final, no intuito de perceber se o aluno modificou sua leitura sobre a prática social inicial, foi proposto que criem ou modifiquem regras do futebol ou de comportamento para solidificar o combate ao racismo no ambiente escolar.</p> <p>Discussão sobre o conteúdo: Nesta fase, por se basear na espontaneidade dos alunos ao criar novas formas de analisar e compreender a realidade de forma mais ampla e crítica, não foram realizadas intervenções reflexivas durante o processo.</p>
--

Fonte: Adaptado de Ramos (2020).

A análise dos dados foi feita tomando como base a Análise do Conteúdo, de Bardin (2009), para analisar as respostas apresentadas pelos alunos e alunas aos questionários aplicados e às suas produções resultantes das discussões e reflexões construídas durante a intervenção.

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal do Ceará e cadastrada na Plataforma Brasil, sob o nº 79591324.9.0000.5054.

3 Resultados e discussões

3.1 Prática social inicial

Iniciando a Prática Social Inicial, foi entregue aos estudantes um questionário impresso individual, ao mesmo tempo em que foram escritas as questões no quadro, com o objetivo de comentar com os alunos e as alunas, questão por questão, para que os estudantes se sentissem confortáveis em expor sua opinião para a turma; alguns alunos se expressaram publicamente, enquanto outros preferiram reservar suas respostas ao questionário impresso. Foi feito desta forma para que houvesse a possibilidade de debate, troca de ideias, que fossem comentando e contribuindo para a construção ou desconstrução das respostas uns dos outros, a depender dos argumentos apresentados para defender suas ideias.

Em relação às respostas ao questionário, quando perguntados se sabiam o que era racismo e como ele acontece, todos os alunos e alunas disseram saber o que é racismo e

exemplificaram dizendo que é “quando chama o outro de macaco” (Estudante 23, menino branco) ou quando utiliza “apelidos maldosos, desrespeitar uma pessoa pela aparência. ex: chamar o outro de picolé de asfalto” (Estudante 11, menino branco).

Tais respostas evidenciam que, apesar de declarar saber o que é racismo e dar alguns exemplos, só foram exemplificadas questões explícitas, relacionando diretamente a pessoa preta aos macacos. De certa forma, as respostas foram superficiais, dada a grande complexidade do tema.

Ao serem questionados sobre se chamar uma pessoa de macaco ou fazer som de macaco é um ato racista, a ampla maioria concordou que sim, porém um aluno respondeu que “depende” e defendeu sua posição, respondendo que “tem pessoas que realmente parecem macacos, então, com estas pessoas, isto não seria racismo” (Estudante 18, menino branco). Em cima do comentário do colega, um outro ponderou que “segundo a ciência, nós humanos viemos dos macacos, temos um ancestral em comum, logo, a resposta do colega não era tão absurda quanto parecia, mas que ele mesmo achava errada e condenava tal ato como racismo” (Estudante 20, menino branco).

Na segunda pergunta, questionava-se sobre já terem sofrido ou presenciado casos de racismo. A maioria afirmou já ter presenciado numa praça do bairro. Dentro do universo da pesquisa, dois alunos afirmaram já terem sido vítimas de ofensas racistas, segundo eles, de forma verbal agressiva, como forma de xingamento e tentativa de inferiorização. Um deles exemplificou assim: “eu deixo algumas pessoas me chamarem de nego, mas quando uma pessoa que eu não conheço me chama de preto, macaco ou nego, aí eu já posso denunciar essa pessoa porque eu não gostei.” (Estudante 28, menino preto). Podemos perceber aqui a importância dada aos fatores: a) quem fala/age; b) qual é o objetivo da fala/ato; c) em que contexto acontece tal fala/ato. Entendemos então que entre amigos, em comum acordo, há a permissão para que termos como “nego”, utilizado como vocativo da pessoa em um contexto amistoso seja aceitável e muitas vezes demonstra até um nível de proximidade maior entre as pessoas envolvidas. Entretanto, não é possível dizer o mesmo quando os fatores citados acima não são respeitados, sendo lidos, então, como uma ofensa a ser denunciada e a pessoa que a proferiu sendo tratada como agressora e criminosa, já que o racismo é tipificado como crime pelas leis nacionais.

Em relação à terceira questão, ao serem perguntados se tiveram conhecimento de algum caso de racismo na escola, as respostas foram divergentes. Metade da turma afirmou que nunca soube de casos de racismo na escola, e a outra metade afirmou positivamente que tiveram conhecimento. Este ponto é determinante para a pesquisa, pois ela partiu de um caso de racismo ocorrido em sala nesta turma, em que um aluno chamou o outro de macaco, o que nos leva a avaliar que, como dito na resposta da segunda questão, no entendimento dos alunos, o fato de a pessoa que proferiu a ofensa racista ser amiga da pessoa que sofreu o racismo, anula a gravidade da situação e a ofensa em si, como evidenciado pela seguinte fala “acredito que não, pois todos os insultos são concordados pelas duas partes” (Estudante 23, menino branco). Por outro lado, temos os seguintes relatos que nos levam em direções opostas da resposta anterior. “sim, na minha sala tem diversos casos todos os dias” (Estudante 11, menino branco), “sim, acontece muito” (Estudante 22, menina preta) e “sim, ano passado na educação física quando meus amigos derrubaram um caderno e um menino falou que foi os macacos” (Estudante 19, menino preto).

Diante da quarta questão, em que foi perguntado se eles faziam alguma ligação do tema racismo a alguma personalidade do esportes, seja atletas, gestores, jornalistas etc., o nome de Vinícius Júnior foi quase uma unanimidade. Em um universo de 34 estudantes, o

jogador brasileiro do Real Madrid foi citado por 31 deles, provando ser o grande baluarte da luta antirracista no esporte, rosto e voz daqueles que lutam por igualdade racial e não aceitam ser insultados e atacados em sua dignidade. Este resultado comprova de forma positiva a hipótese levantada de que as ações de Vinícius Júnior tinham grande repercussão na sociedade, principalmente entre os mais jovens e adolescentes, colocando uma luz e dando visibilidade à luta por direitos iguais, servindo de exemplo às novas gerações e exercendo através da força de suas palavras e ações uma força gravitacional que gera uma deformação nos campos em que atua e onde sua energia alcança, forçando a mudança e o endurecimento de leis, como as promovidas por La Liga, UEFA e FIFA, que passaram a adotar um protocolo mais rígido a ser acionado em caso de racismo em campo, quando, por ventura, não seja respeitado por quem está proferindo os ataques racistas, a equipe ou o jogador vítima podem sair de campo sem ter prejuízos esportivos. Destaco aqui a palavra “esportivo”, pois os danos à dignidade da vítima já estavam consumados. Também foi aumentada a pena para os clubes destes torcedores racistas, com a perda de mandos de campo, perda de pontos no campeonato e até a exclusão de competições.

Na quinta questão, foi questionado se eles acreditam ou não se uma reação de enfrentamento tem efeitos positivos no combate ao racismo, tópico no qual a turma também se mostrou dividida, com metade cética quanto aos possíveis resultados, alegando que “não porque eles não ligam e não vai mudar nada” (Estudante 21, menina preta), “não porque tem que debater e falar com eles” (Estudante 16, menina branca) e “não porque vai deixar os torcedor com mais raiva e fazer ele chamar mais ainda perder o domínio da jogada” (Estudante 04, menino preto), o que evidencia uma falta de esperança de que tais comportamentos seriam modificados através do enfrentamento, e um deles dando como opção debater e falar com eles.

A outra metade da turma, que acredita que uma mudança pode partir destes movimentos de enfrentamento, respondeu que “sim, eles podem usar sua influência para mudar isso” (Estudante 23), “sim, podemos mudar falando pra polícia” (Estudante 08, menino branco) e “sim, muitos ficam calados, mas precisamos reagir! calar a boca dos racistas” (Estudante 12, menina preta).

Na sexta e última questão, sobre o que deveria ser feito em casos de racismo, o teor das respostas foi chocante e triste. Parte dos alunos, segundo o que responderam, reagiria com violência, chegando até ao ponto de matar, como evidenciado nesta fala “aumentaria a vigilância e a pena (e utilizaria utensílios como isqueiros e gasolina)” (Estudante 23, menino branco).

Estas falas com resoluções violentas podem vir de diversos aspectos, destaco aqui algumas possibilidades, como o ambiente sociocultural em que esses adolescentes vivem. Fortaleza - CE é uma cidade que nos últimos anos vem amargando a triste marca de ser uma das mais violentas do mundo, que sofre com o avanço das facções criminosas, atraídas pela posição privilegiada que a capital cearense tem como rota de viagens, exportações e importações.

A presença dessas facções e o seu *modus operandi* no cotidiano dos bairros periféricos de Fortaleza faz que o jovem naturalize a violência, o assassinato, o crime em si, relativizando situações ou diminuindo o valor que é dado a elas pelo fato de que aquilo não é algo extraordinário e sim parte do dia a dia das famílias que precisam ali viver. Segundo o levantamento publicado pelo Cada vida importa (2024), em Fortaleza-Ce, foram registradas 655 vítimas de crimes violentos letais Intencionais apenas no ano de 2024, no período de 1º de janeiro a 12 de outubro, o que representa um aumento de 20,18% em relação ao mesmo período de 2023.

3.2 Problematização

Na segunda etapa da intervenção, caracterizada como Problematização, foi retomado o que eles haviam registrado durante a Prática Social Inicial para lembrá-los do ponto de partida e de onde estavam no momento.

Foi apresentado aos alunos, na sala de inovação, um vídeo conceituando o que é racismo, inclusive exemplificando as diferenças dos tipos de racismo. Neste vídeo *Entenda o que é RACISMO ESTRUTURAL!* (CANAL PRETO, 2019), foram apresentadas as definições de racismo, foi feito um levantamento histórico da luta pela abolição da escravidão, os passos e as leis que foram avançando neste intuito, além de mostrar comentários sobre o que significava de forma prática na vida daquelas pessoas a assinatura daquela lei. Um exemplo é a lei que proíbe as pessoas negras de possuírem terras, o que as tornavam automaticamente pessoas em condição de rua e logo, posteriormente a esta lei e à abolição, o governo deu incentivos à imigração de europeus, principalmente de italianos e alemães, e de japoneses, com o objetivo de embranquecer a população brasileira. Durante a apresentação deste vídeo, os alunos demonstraram atenção e se mostraram surpresos com a forma de como foi construída a abolição, pois só sabiam da existência das leis, mas não tinham acesso à contextualização de como as pessoas daquela época lidaram com aquilo, que resultou em perguntas como “e para onde as pessoas iam?” se referindo às pessoas que eram escravizadas e agora estavam libertas, “e como elas iam ter dinheiro pra comer?” (Estudante 02, menina branca), momento no qual eles foram questionados sobre como pensam que esses problemas se resolveram, ou mesmo se foram resolvidos.

3.3 Instrumentalização

Nesta etapa do processo, o professor deve promover o conteúdo a ser trabalhado de forma que o aluno se aproprie do conhecimento de modo significativo. Então, os alunos foram reunidos na sala de inovação da escola, e relembramos as aulas anteriores, da Prática Social Inicial e da Problematização, conversamos sobre os conceitos aprendidos, o que ficou registrado e o que se perdeu durante a semana, e foram reforçados de forma breve os conceitos de racismo, racismo estrutural e os exemplos dados no vídeo da aula anterior.

Após isso, foi explicado a eles e elas que seriam apresentados vídeos ainda com a narrativa de como o racismo acontece, porém estes estariam ligados diretamente ao futebol, ou a pessoas ligadas ao futebol. Primeiro foi apresentado o vídeo “O Racismo Estrutural na Cultura do Futebol | Márcio Chagas | TEDxUnisinos” (TEDx Talks, 2019), em que o ex-árbitro Márcio Chagas, que era vinculado à Federação Gaúcha de Futebol, relata como, desde criança, convive com o racismo, desde quando era a única criança preta nas escolas em que estudou, e como era também o único preto no time de futsal juvenil, que ouvia comentários racistas de colegas e dirigentes da equipe, de que ele fazia parte de uma cota para pretos, ou que “ele é muito bom, só tem um defeito...”; através do vídeo, podemos entender que a pessoa em questão coloca a cor de Márcio como um defeito seu, algo abominável, ainda mais para uma criança.

Durante a reprodução desses momentos do vídeo, os alunos fizeram uma correlação da vida de Márcio Chagas com a de Chris Rock, apresentada no seriado *Todo Mundo Odeia o*

Chris, onde o protagonista sofre diversos casos de racismo em sua escola por ser o único aluno preto em uma escola localizada em um bairro de brancos nos EUA.

Mais à frente no vídeo, Márcio revela episódios de racismo por parte de torcedores, que chegaram a colocar bananas em seu carro na saída do estádio e ainda sobre o fato de dirigentes da federação local tentarem intervir para que ele não denunciasse o crime ocorrido, buscando manter a imagem do torneio limpa, colocando-a acima da dignidade da pessoa do árbitro. Ele também relata que, depois de um período, passou a fazer seu aquecimento no vestiário, enquanto seus colegas de arbitragem, brancos, faziam o aquecimento no campo. Ele relata que fazia isso por precaução, por já ter sofrido racismo diversas vezes nestes momentos. Ao serem questionados sobre o que pensavam sobre isso, um deles respondeu que “os colegas deveriam apoiar ele, ou todo mundo aquece junto no campo ou todo mundo aquece junto no vestiário” (Estudante 21, menina preta), o que poderia ser visto como um gesto de solidariedade ao colega, além de um gesto de resistência, de não se deixarem ser vencidos pelos racistas.

A seguir, foi apresentada uma reportagem da ESPN, em que uma torcedora brasileira filma uma criança, no colo da mãe, proferindo gritos de *mono*, macaco em espanhol, em direção ao jogador brasileiro Vinícius Júnior, em uma partida entre Valencia e Real Madrid, fato que causou grande indignação na turma, principalmente por se tratar de uma criança. Os alunos reagiram dizendo que “a mãe desse menino tinha que tá é presa” (Estudante 23, menino branco). Um pouco mais a frente na reportagem, o jornalista Gustavo Hofman entrevista a brasileira, que se mostra tristemente emocionada com o caso de racismo e relata ter sofrido represálias dentro do estádio, que tentaram tomar seu celular, e que a providência da segurança foi tirá-la do espaço onde estava e nada foi feito com a mãe da criança, ato que gerou reclamações por parte dos alunos pela forma injusta como a situação foi tratada.

Na sequência, foi apresentado o vídeo da entrevista concedida por Vinícius Júnior, em que ele chora ao falar sobre o racismo sofrido no futebol espanhol e que tem cada vez menos vontade de jogar, o que contrasta com a imagem que ele costuma demonstrar em campo, de um jogador feliz que, ao fazer um gol, dança na comemoração. Ao reagir a este vídeo, alguns demonstraram tristeza pela situação, enquanto outros fizeram falas ainda violentas sobre como reagir a atos racistas como estes.

3.4 Catarse

Na Catarse, foram apresentados aos alunos textos com a temática racismo e futebol, como os casos de racismo acontecidos no futebol espanhol com os jogadores Vinícius Júnior e Nico Williams, tema que está sendo trabalhado durante esta intervenção, além dos casos ocorridos no futebol feminino, como da jogadora brasileira Natasha. Foi pedido para que eles escrevessem sua opinião crítica sobre estes casos para ser entregue ao professor. Neste ponto, houve um problema com a internet da escola, que não estava funcionando, o que impediu que os alunos registrassem suas reflexões diretamente no Blog Educacional Vinícius Júnior, que é o produto pedagógico produzido por esta pesquisa.

Trazendo esta discussão para o contexto escolar, eles disseram que há casos na escola, mas não como os apresentados no vídeo, considerando o caso dos jogadores mais graves. Questionando este ponto, se por um ser jogador e o outro um aluno, o racismo teria um peso diferente, alguns responderam que não, que os dois estão errados, mas outros disseram que os casos do futebol são mais graves, pois prejudicam o desempenho do jogador em campo.

Perguntados se haviam tido conhecimento sobre os casos apresentados acima, a maioria respondeu que conhecia sobre o caso de Vinícius Júnior, principalmente por ser um jogador brasileiro de grande relevância, mas que não tinha conhecimento sobre outros casos que estavam acontecendo, e se referiram a casos acontecidos com os jogadores Balotelli e Pogba, ambos jogadores pretos e de grande relevância no futebol mundial.

Eles também foram perguntados sobre a opinião com relação à existência do blog, e responderam que não acessavam a ferramenta, dando preferência a aplicativos, como *Instagram* e *Tik Tok*. Foi explicado que o blog iria servir para registrar os acontecimentos socialmente relevantes no futebol, para que tenhamos conhecimento sobre o que está ocorrendo e formar uma opinião crítica sobre o fato.

3.5 Prática social final

Na etapa final, após todo o processo de intervenção, que passou por uma anamnese do que os alunos já sabiam por intermédio do questionário, evoluindo para fornecer embasamento teórico e histórico de modo que conhecessem do que se tratava o racismo, seguindo ao momento em que foi feita a ligação entre a teoria da definição de racismo com como ele está presente e se manifesta no futebol e, por último, a ligação com a escola até chegar à Prática Social Final.

Neste momento de encerramento, foi pedido que os alunos dessem ideias, criassem ou adaptassem regras do esporte ou de comportamento para a realidade da escola. Eles fizeram rapidamente a correlação da expulsão no jogo e na escola. Ao serem questionados sobre como funcionaria esta punição, se ela valeria para todos os casos, a resposta foi que deveriam ser analisados caso a caso, para que se tenha um resultado justo. Alguns levantaram a sugestão de que poderia haver uma punição progressiva, indo primeiro para a advertência, depois para a suspensão e, por último, para a expulsão, como ocorre no protocolo de La Liga. Outros defenderam que se o caso for mais grave, como chamar o colega de macaco, o aluno deveria ser logo expulso.

Ao serem questionados sobre quem iria decidir quem iria avaliar os casos, houve divergências, com alguns sugerindo levar diretamente o caso à direção da escola, enquanto outros disseram que o professor que estivesse em sala deveria decidir. Foi questionado se eles não gostariam de fazer parte de uma comissão de avaliação, se queriam ter algum representante nesta decisão, alguns se empolgaram com a possibilidade de participar, principalmente a aluna que é a líder da turma, enquanto outros demonstraram indiferença. Foi perguntado como iriam lidar com a situação caso pudessem participar da decisão e quais critérios usariam, um deles respondeu que seria pelas vezes em que aconteceu, ou seja, pelo histórico do aluno, já que eles convivem diariamente com o colega e o conhecem melhor. Esse argumento recebeu concordância dos colegas.

Perguntados sobre como fariam para evitar que os casos acontecessem, eles se mostraram descrentes quanto ao fim dos casos, pois, segundo eles, muitos levam tudo na brincadeira, dizem que não é sério, que o colega que foi vítima é amigo dele e que por isso não teria problema.

A intervenção foi encerrada com um jogo de futebol de travinhas, que é a modalidade de futebol possível para a estrutura atual da escola, e com a brincadeira de altinha, da qual meninos e meninas participaram.

4 Considerações Finais

O presente trabalho foi fruto da esperança de dias melhores para a sociedade e, para que alcancemos isso, precisamos investir nossos esforços na educação de nossos alunos. Mas esta esperança é aquela do verbo esperar. Como disse o grande mestre Paulo Freire, esperar é ir atrás, construir, não desistir, juntar-se com o outro para fazer de outro modo. Como professores e educadores do ensino público, assumimos o papel não apenas de ensinar o conteúdo, já que é a nós atribuído também o papel de ouvir aqueles que muitas vezes não têm voz ou são silenciados pelas dificuldades impostas por uma vida de privações financeiras, sociais, culturais, alimentícias... O professor precisa conhecer a realidade do aluno, apropriar-se dela para, a partir daí, poder intervir e contribuir para o aprendizado integral do aluno, sem deixar de reconhecer as fragilidades de um ambiente muitas vezes hostil, porém acreditando no aluno e dando ferramentas para que ele ou ela possa se sobressair.

Ao nos depararmos com um aluno em sala chamando o outro de macaco, não pudemos nos omitir, tínhamos o dever de intervir, repreender o aluno infrator, explicar para a turma que aquele comportamento não era aceitável e acolher o aluno que havia sido vítima. Porém, com a reincidência de casos de racismo na mesma turma, dessa vez com alunos diferentes, percebemos que não era algo pontual e que necessitava de uma intervenção pedagógica, de modo que os alunos compreendessem por que aquele comportamento não era aceitável, que obtivessem conhecimento da história do racismo no Brasil, passando pelo processo de escravidão e abolição da escravatura, dos conceitos de racismo estrutural e de casos concretos, para que estes alunos tivessem ferramentas suficientes para que a) não mais reproduzam falas/atos racistas; b) saibam reconhecer quando um caso de racismo está acontecendo e saibam lidar com isso de forma séria e comprometida com a justiça e a igualdade.

Por se tratar de uma metodologia dialógica, ao mesmo tempo em que são oferecidos o conteúdo e as definições teóricas pelo professor, a perspectiva progressista exige que se ouça o aluno e se valorizem as suas contribuições. Através da fala de um aluno, foi possível desencadear falas e reflexões de outros colegas, inclusive dos próprios professores, que, ao mesmo tempo em que estavam formando os alunos, estavam sendo formados por eles, em uma troca de conhecimentos enriquecedora, que não seria possível de se alcançar em uma metodologia mais direta, como na educação bancária, em que o aluno é tratado como um depósito de informações a ser preenchido pelo professor (FREIRE, 1987).

Ainda durante a intervenção, houve uma diminuição das falas e dos atos racistas na aula e, quando havia, mesmo que disfarçadas de brincadeira; momentos que antes passavam despercebidos e eram naturalizados pela turma, agora, eram recebidos com olhares de reprovação e respostas de desagrado com o colega em questão, demonstrando que, por mais que aquele comportamento não tenha sido erradicado, ele passou a não ser mais aceito pela turma, que passou a se posicionar de forma comportamental e verbal, de modo a combater o racismo.

Apesar do sucesso na formação crítica de combate ao racismo e da diminuição da incidência, outros casos ainda aconteceram, o que demonstra a necessidade de um trabalho a longo prazo, perpassando os demais docentes em um trabalho em que toda a escola se engaje com o mesmo objetivo.

Na primeira parte da intervenção, por meio do questionário, foi possível conhecer o que os alunos sabiam sobre racismo, foi bastante esclarecedor para o prosseguimento do processo, pois neste momento foi descoberto que os alunos não tinham conhecimento sobre o

que era racismo estrutural, nem como ele funcionava na sociedade ou no futebol, ligando o racismo muito mais a casos em que as pessoas são chamadas de macaco.

Promover esta formação sobre o racismo estrutural foi importante, pois os alunos puderam perceber que até em casos em que eles não identificavam como tal, ou tratavam como brincadeira, havia uma forma de racismo, e que, por mais que, em uma hipótese, a pessoa vítima de racismo não se sinta ofendida, se esse mesmo caso for reproduzido a outra pessoa, isso pode ser muito danoso.

A promoção da criticidade por meio da problematização do futebol se mostrou importante para a tradução dos conceitos para os casos concretos em situações em que eles conseguiam se imaginar e que, por conhecer as personagens, sentiam empatia, como no caso do choro de Vinícius Júnior ao relatar a tristeza ao ser vítima de racismo constantemente no futebol espanhol, e indignação, como nos casos da criança que estava chamando Vinícius Júnior de macaco e da jogadora Natasha do Nascimento, que eles revelaram não conhecer e que nem tinham conhecimento sobre casos de racismo no futebol feminino.

Para que os alunos tenham acesso e possam conhecer a realidade do que se passa no futebol para além do campo e bola, foi produzido como um produto pedagógico um blog, em que os casos são relatados de forma pedagógica, em forma de crítica e contextualizada, também se utilizando de informações de outros portais para a produção de conteúdo, como o Observatório Racial do Esporte e o site Geledés. O blog permite que os casos não sejam esquecidos e apagados em meio a diversos eventos que possam estar acontecendo e que se sobressaíam na mídia, ele vai estar lá para que os alunos tenham acesso e possam, através dele, ter conhecimento e ferramentas para formar sua própria opinião.

A conscientização contra o racismo nas aulas teve efeito positivo na turma, que, ao compreender como funciona e os danos causados às vítimas, passou a não aceitar mais de forma passiva que aquilo acontecesse e a combater quando infelizmente tais falas foram reproduzidas, o que representa um ambiente de aula mais saudável e justo para alunos e professores.

Ao realizar esta intervenção, tivemos de absorver muitas informações difíceis de serem ingeridas. Ler e ouvir relatos e comentários sobre como os alunos e as alunas foram atacados foi algo que me fez ter mais empatia por eles, entrar em sala com olhares e gestos mais acolhedores, buscando fazer da aula um momento mais leve possível, mas sem jamais abrir mão de corrigir de forma firme e justa quando necessário. A enorme quantidade de “soluções” violentas para os casos de racismo, no início da intervenção, nos fez perceber, por chegarem a esta conclusão e, conhecendo um pouco melhor a realidade deles, que vivem em situações muito precárias, estando expostos à criminalidade diariamente, com crimes bárbaros e cruéis naturalizados, como se fossem a única opção. Alguns alunos ainda citaram como forma de punição a prisão, todavia nenhum citou a educação. Ainda assim, a pequena evolução demonstrada ao não naturalizar mais o racismo já demonstra um grande salto comparado à situação em que estavam antes.

Após o fim da intervenção, saímos ainda com mais fé e esperança nos alunos, com a certeza de que a violência não é o único caminho e que se houver um investimento pedagógico é possível mudar de mentalidade. Saímos transformados desta experiência, consideramos que aprendemos muito mais do que ensinamos e saímos respeitando a história de vida de cada um, desejosos e buscando não ser aqueles professores que chegam, ministram sua aula e vão embora. Afinal, acreditamos que hoje somos professores e pessoas bem melhores do que aquelas que iniciaram a intervenção.

Referências

ABE, Stephanie Kim. O racismo estrutural na escola e a importância de uma educação antirracista. Saberes e práticas. Reportagens – Currículo e didática. **Cenpec**, 2020. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/noticias/o-racismo-estrutural-na-escola-e-a-importancia-de-uma-educacao-antirracista>. Acesso em: 19 mar. 2024.

ALMEIDA, Sílvia Luiz de. **Racismo estrutural** - São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

AZEVEDO, Delina Santos. **Racismo antinegro e a atuação do Ministério Público**. 2023. Disponível em: <https://ceafpesquisa.mpba.mp.br/textos/racismo-antinegro-e-a-atuacao-do-ministerio-publico/>. Acesso em: 27 mar. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm Acesso em: 27 jan. 2024.

CADA VIDA IMPORTA. **Monitoramento dos homicídios**. 2024. Disponível em: <https://cadavidaimporta.com.br/monitoramento-dos-homicidios/>. Acesso em: 29 out. 2024.

CANAL PRETO. **Entenda o que é RACISMO ESTRUTURAL! - Canal Preto**. YouTube. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lryL8ZAMq-E>. Acesso em: 11 fev. 2024.

CANTUÁRIO, Victor André Pinheiro; ALVES, Márcia Ferreira da Silva. Do Racismo na escola a uma escola contra o racismo: Reflexões a respeito do cenário brasileiro. **Revista Educação e Emancipação**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 506-534, 2021. DOI: 10.18764/2358-4319.v14n2p506-534. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducaoemancipacao/article/view/17241>. Acesso em: 13 jul. 2023.

CERVI, Thales de Almeida Nogueira. Intolerância e racismo no futebol: a racialização do outro. **ComCiência**, Campinas, n. 159, p. 35-38. jun. 2014. Disponível em: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542014000500010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 jan. 2024.

FIGUEREDO, Marinete da Frota.; CRUZ, Marlon Messias Santana. Futebol e racismo: Algumas reflexões no âmbito da educação física escolar. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**. v. 2, n. 5, p. 1-18, jul./set. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/7632>. Acesso em: 26 abr. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5. ed. rev. - Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

HOFMAN, Gustavo. Torcedora registra atos racistas contra Vinicius Jr. em Valência e revela choro à ESPN: 'Me senti ameaçada e com medo'. **ESPN**, 2024. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/real-madrid/artigo/_id/13318581/torcedora-registra-atos-racistas-contravinicius-jr-em-valencia-e-revela-choro-a-espn-me-senti-ameacada-e-com-medo. Acesso em: 03 mar. 2024.

LOPES, Taiane Naressi. Descolonização e antirracismo em sala de aula, uma prática constante. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre. v. 37, n. 1, p. 1-11, jan./dez. 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/138873/92203>. Acesso em: 29 out. 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MURAD, Mauricio. O futebol no Brasil: reflexões sociológicas. **Caravelle: Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien**, n. 89, p. 109-28, 2007.

MUNANGA, Kabengele. Apresentação. In: MUNANGA, Kabengele. (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 15-20.

NOBREGA, Carolina Cristina dos Santos. Por uma educação física antirracista. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 34, p. 51-61, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/173145/163522>. Acesso em: 30 abr. 2024.

NOVAES, Marcos Bidart Carneiro de; GIL, Antonio Carlos. A pesquisa-ação participante como estratégia metodológica para o estudo do empreendedorismo social em administração de empresas. **RAM - Revista De Administração Mackenzie**, v. 10, n. 1, p. 134–160, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-69712009000100007>. Acesso em: 19 abr. 2024.

NUNES, Paulo Sérgio. Racismo: 85% dos casos em competições da Conmebol no ano foram contra brasileiros. **Trivela**, 2023. Disponível em: <https://trivela.com.br/america-do-sul/racismo-conmebol-libertadores-sul-americana/>. Acesso em: 01 fev. 2024.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; GOMES, Daniel Pinto; CARMO, Klertianny Teixeira; SILVA, Eduardo Vinicius Mota e. Aplicação das leis 10.639/03 e 11.645/08 nas aulas de educação física: diagnóstico da rede municipal de Fortaleza/CE. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 41, n. 4, p. 412-418, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/HXRhDQFhTV4MTFphJySk8Ps/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 17 out. 2023.

RAMOS, Luiz Matheus. **Educação Física escolar**: possibilidades de ensino dos esportes a partir da perspectiva progressista. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/2dbcf099-83fb-41e9-b905-17e4e291f914>. Acesso em: 25 jan. 2024.

SANTANA, Thiago José Silva. O racismo no futebol e a educação física escolar: reflexões a partir do caso Vinicius Júnior. **Ludopédio**, 2023. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/o-racismo-no-futebol-e-a-educacao-fisica-escolar-reflexoes-a-partir-do-caso-vinicius-junior/>. Acesso em: 30 abr. 2024.

SANT'ANA, Antônio Olímpio de. História e Conceitos Básicos sobre o Racismo e seus Derivados. In: MUNANGA, Kabengele. (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-68.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. Edição comemorativa. Campinas - SP: Autores Associados, 2008.

SILVA, Eduardo Vinícius Mota e. **Ensino da história e cultura afro-brasileira por meio do atletismo**: contribuições de um curso de extensão à distância para professores de educação física. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2016.

TEDX TALKS. O Racismo Estrutural na Cultura do Futebol | Márcio Chagas | TEDxUnisinos. **YouTube**, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2n_E3uHBA3U. Acesso em: 10 mar. 2024.

TV CULTURA. Negros em Foco: Racismo no futebol. **YouTube**, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wCi91ck83w>. Acesso em: 31 jul. 2024.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UOL ESPORTE. Vini Jr. chora na coletiva ao falar sobre racismo: 'cada vez tenho menos vontade de jogar'. **UOL Esporte**, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CtAJIEtqsY0>. Acesso em: 10 abr. 2024.

VELLOSO, Livia Roberta da Silva.; MALDONADO, Daniel Teixeira.; MIRANDA, Maria Luiza de Jesus.; FREIRE, Elisabete dos Santos. Pesquisa participante na Educação Física Escolar. **Movimento**, [S.L.], v. 28, p. 1-20, 8 nov. 2022. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.120865>. Acesso em: 5 mai. 2023.

WISNIEWSKI, Leonardo. ‘Episódio isolado 19’: Vini Jr é vítima de racismo (de novo), mas segue como símbolo de resistência. **Trivela**, 2023. Disponível em: <https://trivela.com.br/espanha/la-liga/vinicius-junior-racismo-episodio-isolado-19/>. Acesso em: 1 jan. 2024.

Contribuições da autoria

Ytalo Silva Lemos: Conceitualização, Investigação e Redação do texto.

Eduardo Vinícius Mota e Silva: Orientação da pesquisa.

Arliene Stephanie Menezes Pereira Pinto: Supervisão e revisão do texto.

Luciano Nascimento Corsino: Orientação da pesquisa.

Data de submissão: 31/08/2024

Data de aceite: 08/11/2024